

Curso de Pós-Graduação
Lato Sensu em Gestão da
Escola Pública de Ensino Médio

GEPEM

MÓDULO 01

Oficina Libras

RIEH REDE DE INOVAÇÃO PARA EDUCAÇÃO HÍBRIDA

NEES NÚCLEO DE EXCELÊNCIA EM TECNOLOGIAS SOCIAIS

UAB UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

FICHA TÉCNICA

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM GESTÃO
DA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO MÉDIO (GEPEM)
OFICINA LIBRAS

GOVERNO FEDERAL
Luiz Inácio Lula da Silva
Presidente da República Federativa do Brasil
Camilo Sobreira de Santana
Ministro de Estado da Educação
Leonardo Osvaldo Barchini Rosa
Secretário-Executivo do Ministério de Estado da Educação
Kátia Helena Serafina Cruz Schweickardt
Secretária de Educação Básica (SEB)

Alexsandro do Nascimento Santos
Diretor de Políticas e Diretrizes da Educação Integral Básica (DPDI)

Valdirene Alves de Oliveira
Coordenadora-Geral de Ensino Médio (COGEM)

José Ricardo Albernás Lima
Coordenador De Programas (COGEM)

ELABORAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
Anne Caroline Costa Resende
Consultor Especialista
Organização De Estados Ibero-Americanos para a Educação,
a Ciência e a Cultura (OEI)

Karine Vichiett Morgan
Consultor Especialista
Organização das Nações Unidas para a Educação,
a Ciência e a Cultura (Unesco)

Maria Luiza Süssekind
Consultor Especialista
Organização De Estados Ibero-Americanos para a Educação,
a Ciência e a Cultura (OEI)

Roberto Rafael Dias Da Silva
Consultor Especialista
Organização das Nações Unidas para a Educação,
a Ciência e a Cultura (Unesco)

INSTITUIÇÃO LÍDER E RESPONSÁVEL PELA ELABORAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Reitor
Josealdo Tonholo
Vice-Reitora
Eliane Aparecida Holanda Cavalcanti
Diretor da Edufal
Eraldo de Souza Ferraz

Coordenador Geral Cied
Fernando Silvio Cavalcante Pimentel

Coordenação geral UAB
Lílian Kelly de Almeida Figueiredo Voss

Produção de Material
Ibsen Bittencourt
Daniela da Costa Britto Pereira Lima - NEES UFAL e UFG

CONSELHO EDITORIAL DA EDUFAL
Eraldo de Souza Ferraz | **Presidente**
Diva Souza Lessa | **Gerente**
Fernanda Lins de Lima | **Coordenação Editorial**
Mauricélia Batista Ramos de Farias | **Secretaria Geral**

Roselito de Oliveira Santos | **Bibliotecário**
Alex Souza Oliveira
Cícero Péricles de Oliveira Carvalho
Cristiane Cyrino Estevão
Elias André da Silva
Fellipe Ernesto Barros
José Ivamilson Silva Barbalho
José Márcio de Morais Oliveira
Juliana Roberta Theodoro de Lima
Júlio Cezar Gaudêncio da Silva
Mário Jorge Jucá
Muller Ribeiro Andrade Rafael
André de Barros Silvia Beatriz Beger Uchôa
Tobyas Maia de Albuquerque Mariz

CONSELHO CIENTÍFICO DA EDUFAL
César Picón | **Cátedra Latino-Americana e Caribenha (UNAE)**
Gian Carlo de Melo Silva | **Universidade Federal de Alagoas (UFAL)**
José Ignácio Cruz Orozco | **Universidade de Valência - Espanha**
Juan Manuel Fernández Soria | **Universidade de Valência - Espanha**
Junot Cornélio Matos | **Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)**
Nanci Helena Rebouças Franco | **Universidade Federal da Bahia (UFBA)**
Patricia Delgado Granados | **Universidade de Sevilha-Espanha**
Paulo Manuel Teixeira Marinho | **Universidade do Porto - Portugal**
Wilfredo Garcia Felipe | **Universidad Nacional de Educación (UNAE)**

NÚCLEO DE CONTEÚDO EDITORIAL
Fernanda Lins de Lima | **Coordenação**
Roselito de Oliveira Santos | **Registros e Catalogação**

INSTITUTO DE COMPUTAÇÃO
Direção
Davi Bibiano Brito
Diretor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade – FEAC
Gustavo Madeiro da Silva

NÚCLEO DE EXCELÊNCIA EM TECNOLOGIAS SOCIAIS – NEES

CONSELHO ADMINISTRATIVO DO NEES
Ig Ibert Bittencourt Santana Pinto | **Presidente**
Diego Dermeval Medeiros da Cunha Matos | **Vice-Presidente**
Alan Pedro da Silva Edmilson Gomes Fialho Leonardo
Brandão Marques Seiji Isotani

REDE DE INOVAÇÃO PARA EDUCAÇÃO HÍBRIDA – RIEH
Ibsen Bittencourt | **Coordenador Geral da RIEH**
Ranilson Paiva | **Vice-Coordenador Geral da RIEH**
Alessandra Debone | **Coordenadora de Políticas Públicas**
Luciana Santa Rita | **Coordenadora da Especialização em Educação Híbrida e Coordenadora de Infraestrutura**
Jeane Félix | **Vice-Coordenadora da Especialização em Educação Híbrida**
Washington Almeida | **Gestor de Projetos**
Aluísio Rego | **Coordenador de Tecnologia**
Jeferson Queiroga | **Vice-Coordenador de Tecnologia**
Yara Duque | **Coordenadora do Observatório**
Samantha Valencio | **Coordenadora de Implementação**
Wagner de Oliveira | **Coordenador de Produção de Material Didático**
Daniela da Costa Britto Pereira Lima | **Pesquisadora, Consultora e Especialista em Educação Híbrida**

PRODUÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM GESTÃO DA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO MÉDIO – GEPEM

Coleção **GEPEM**

MÓDULO 01

Oficina Libras

Juliana Guimarães Faria
Renata Cristina Vilaça-Cruz
Silvia Saraiva de França Calixto

Goiânia
2026

Cegraf UFG

© 2026 Juliana Guimarães Faria; Renata Cristina Vilaça-Cruz; Silvia Saraiva de França Calixto
© 2026 Cegraf UFG

PRODUÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM GESTÃO DA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO MÉDIO – GEPEM

Daniela da Costa Britto Pereira Lima
Consultora, Coordenadora Pedagógica e Pesquisadora
Joseany Rodrigues Cruz
Pesquisadora, Revisão EaD e Educação Híbrida e Designer Educacional
Larissa Mendes Medeiros
Pesquisadora, Revisão EaD e Educação Híbrida e Designer Educacional
Fernando Wagner da Costa
Pesquisadora, Revisão EaD e Educação Híbrida e Designer Educacional
María José Morales Gámez
Pesquisadora, Revisão EaD e Educação Híbrida e Designer Educacional
Mony Iaslyn Sampaio Luz
Pesquisadora, Revisão EaD e Educação Híbrida
Rodrigo Gouvêa Rodrigues
Pesquisador, Revisão EaD e Educação Híbrida e Designer Educacional

Maria Valeska Rocha da Silva | **Revisão Textual**
Fellipe Silva Câmara | **Designer Gráfico**
Kelson da Costa Medeiros | **Desenvolvedor de Conteúdos Interativos**
João Moreno Vilas Boas de Souza Silva | **Designer Educacional**

Juliana Guimarães Faria | **Autora**
Renata Cristina Vilaça-Cruz | **Autora**
Silvia Saraiva de França Calixto | **Autora**

A Edufal não se responsabiliza por possíveis erros relacionados às revisões ortográficas e de normalização (ABNT). Elas são de inteira responsabilidade dos/as autores/as.

Catalogação na Fonte
Editora da Universidade Federal de Alagoas - EDUFAL Núcleo de Conteúdo Editorial
DOI: https://doi.org/10.63756/CegrafUFG.LIB.ebook.978-85-495-1403-5/2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Faria, Juliana Guimarães
Oficina libras [livro eletrônico] : módulo 01 / Juliana Guimarães Faria, Renata Cristina Vilaça-Cruz, Silvia Saraiva de França Calixto. -- Goiânia, GO : Cegraf UFG, 2026. -- (GEPEM)
PDF

ISBN 978-85-495-1403-5

1. Educação bilíngue 2. Ensino médio 3. Gestão escolar 4. Língua Brasileira de Sinais 5. Política educacional I. Vilaça-Cruz, Renata Cristina. II. Calixto, Silvia Saraiva de França. III. Título IV. Série.

26-408593.0 CDD-370.1175

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação bilíngue 370.1175

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

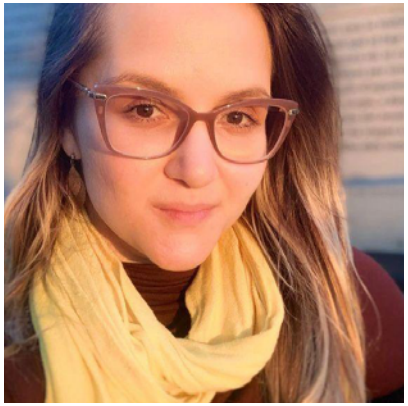
Política de Acesso Livre:

Oficina de Libras do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão da Escola Pública de Ensino Médio está licenciado sob CC BY-NC 4.0. https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/

Com a palavra, as docentes autoras



Olá, gestoras e gestores, sou a professora Juliana Guimarães Faria! Recebam meu reconhecimento pelo empenho na sua formação continuada! Como representante do FortradLab/FL/UFG, dediquei-me neste curso a compartilhar conhecimentos sobre a educação bilíngue para surdos; mas saiba que muito ainda precisa ser explorado nesse campo! Vamos juntos refletir e desvendar conhecimentos sobre o tema? Alguns registros de minha vida acadêmica podem ser encontrados no meu currículo: http://lattes.cnpq.br/9194095774109586.
Evidentemente, ele não consegue descrever quem sou, muito menos mostrar o meu coração. Para isso, necessitaríamos de tardes de café e boas conversas...Quem sabe, algum dia? Desejo um excelente percurso!



Olá, gestoras e gestores, sou a professora Renata Cristina Vilaça-Cruz! Sou tradutora e intérprete de Libras–português há mais de 15 anos, principalmente em salas de aula inclusivas. Já atuei como professora de Libras e de português para surdos, mas hoje me dedico prioritariamente à formação de tradutores e intérpretes. Integro o FortradLab/FL/UFG, espaço voltado à formação, pesquisa e inovação em tradução, interpretação e ensino de Libras. Se quiserem conhecer um pouco mais da minha trajetória acadêmica, meu currículo está disponível em http://lattes.cnpq.br/6085747608569432.
Claro, nenhum link dá conta de traduzir os bastidores do trabalho, nem as motivações que nos movem. Por isso, espero que, ao longo do curso, vocês percebam um pouco do cuidado e da intenção com que seu conteúdo foi construído. Desejo-lhe uma excelente formação!

Com a palavra, as docentes autoras



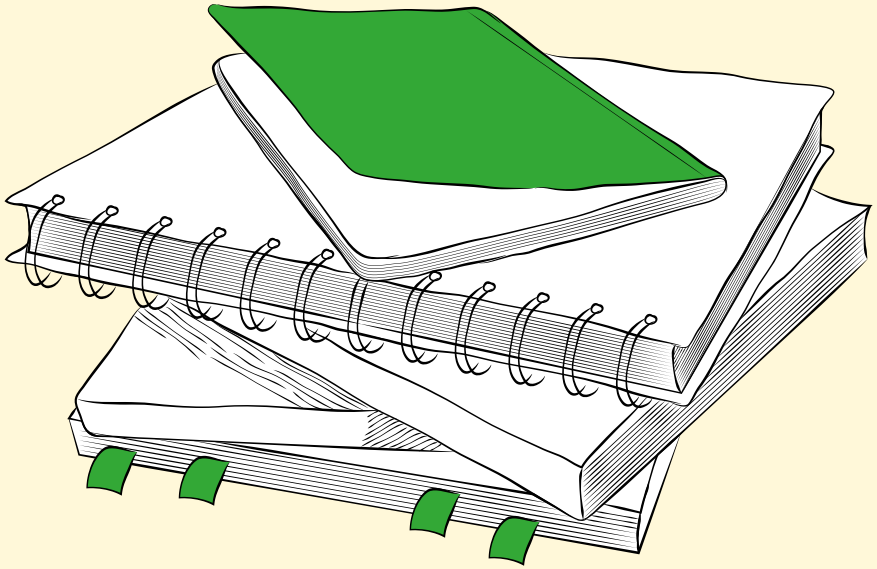
Olá, sou a professora Silvia Saraiva de França Calixto! É um prazer conhecer vocês, gestoras e gestores! Sou surda e atuo nos cursos de Letras: Libras e Letras: Tradução e Interpretação em Libras–Português. Tenho dez anos de experiência no ensino superior, tendo trabalhado na Universidade Federal de Goiás (UFG) e na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Além disso, possuo 25 anos de conhecimento na área da Libras. Meu currículo detalha minhas qualificações; se desejarem verificar, está à disposição em http://lattes.cnpq.br/7437517460016810. Adoraria conversar e interagir com surdos e ouvintes — é sempre um prazer! Estou certa de que, ao aprender Libras, a comunicação com surdos e ouvintes fluirá bem.

Ementa

Marcos legais da educação de surdos. Sensibilização e estratégias para educação bilíngue e mediação no ensino médio para estudantes surdos. Prática de vocabulário básico em Libras para comunicação inicial: parâmetros fonológicos de Libras, alfabeto manual, números, sinais-nome e cumprimentos.

Sobre o material

Na definição dicionarizada por Houaiss, sessão é o “tempo ou período em que uma assembleia, um congresso, um corpo deliberativo ou consultivo se mantém em reunião, estudando, discutindo, resolvendo ou deliberando acerca de fatos ou questões”. Por isso, nenhum vocábulo se aplicaria melhor que esse a cada fase do que configura o material orientador do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão da Escola Pública de Ensino Médio. Diferentemente do que acontece em geral com várias produções escritas, ele não poderia ser dividido em seções, pois pede o movimento das sessões. Nelas se engajam os pós-graduandos e pós-graduandas, em sua busca por mais conhecimento e soluções para a gestão da escola pública de ensino médio no Brasil. Juntos e juntas, embarcam num fluxo contínuo de experiências presenciais e digitais, em que atravessam coletivamente a leitura de artigos, escuta de podcasts, exibição de curtas-metragens, organização de partilhas com a comunidade de suas próprias escolas, autoria e posterior leitura de inúmeros documentos, troca de vivências e reflexões em fórum, entre outras. Por tudo isso, temos esse material organizado em sessões.



Sumário

1. Apresentação da oficina **11**

2. Âncora (temática orientadora) **16**

3. Mapa pedagógico **19**

4. Sessões de estudo **22**

Sessão de estudo 1 22

Sessão de estudo 2 41

5. Síntese e encerramento **41**

6. Avaliação **51**

7. Retomada da questão âncora **52**

8. Referências **53**

9. Links Complementares **57**

1. Apresentação da oficina

Que bom ter você aqui para começarmos nossa jornada pela gestão do trabalho pedagógico no Ensino Médio. Seja muito bem-vindo(a)!

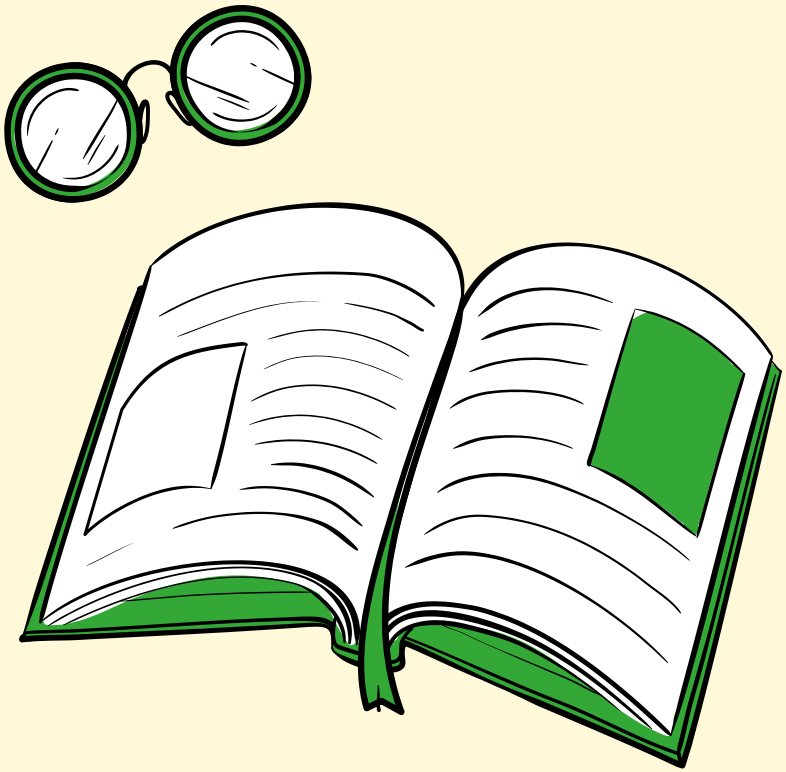
Olá! Somos as professoras dra. Juliana Guimarães Faria, dra. Renata Cristina Vilaça-Cruz e doutoranda Silvia Saraiva de França Calixto, integrantes do FortradLAB/UFG e especialistas em Libras, acessibilidade e educação bilíngue para surdos. Sabemos que a gestão escolar enfrenta desafios complexos, sendo um deles garantir uma educação bilíngue de qualidade para estudantes surdos. Por isso, reunimos conhecimentos multidisciplinares para sensibilizar você sobre temas essenciais, como o ensino de Libras, a política de educação bilíngue, a gestão da escola e o papel do intérprete educacional.



Assista ao vídeo de apresentação que preparamos para você.
Bons estudos!

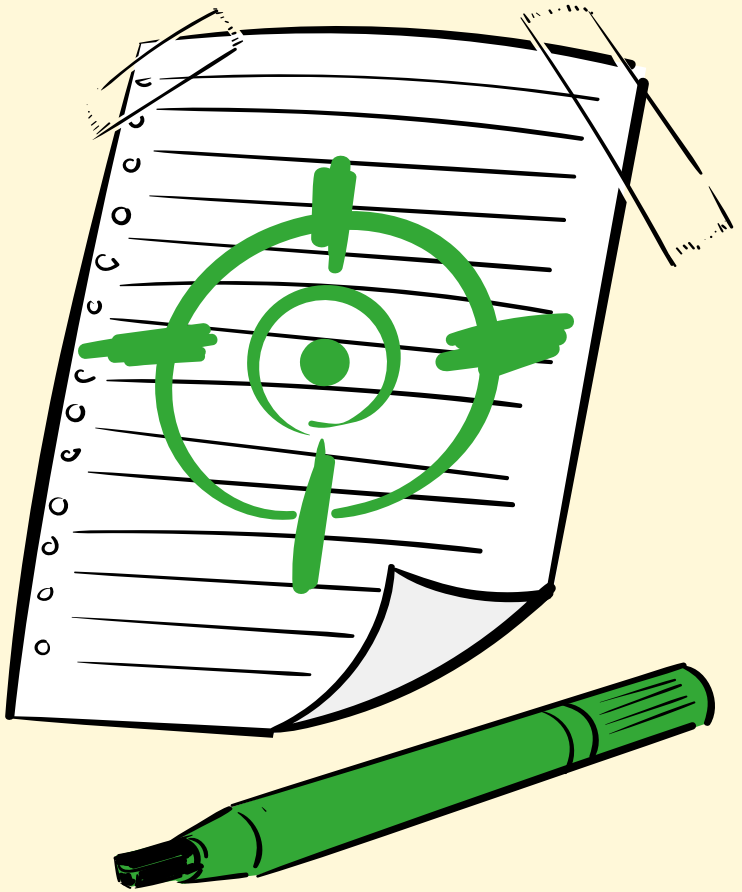
Conexão com o curso

A nossa oficina se conecta diretamente com os objetivos do Curso de Especialização Lato Sensu em Gestão da Escola Pública de Ensino Médio, ao abordar a sensibilidade para a inclusão e equidade, a justiça curricular e a formação para a diversidade. O curso enfatiza a necessidade de compreendermos as políticas da educação bilíngue, alinhando-se à Lei 14.945/2024 (Brasil, 2024). A oficina, por sua vez, também reforça a gestão democrática ao sensibilizar os/as gestores/as sobre a acessibilidade e os direitos linguísticos, elementos essenciais para garantir a permanência e a aprendizagem de estudantes surdos, conforme os objetivos de enfrentamento das desigualdades e de articulação com a comunidade escolar.



Objetivos pedagógicos

- Sensibilizar-se para a educação bilíngue e os direitos linguísticos e educacionais dos estudantes surdos no ensino médio.
- Refletir criticamente sobre o papel da gestão escolar na promoção da educação bilíngue e na garantia de acessibilidade comunicacional em contextos inclusivos.
- Experimentar o uso de vocabulário básico em Libras (alfabeto manual, números, sinais-nome e cumprimentos), demonstrando empatia e abertura para a cultura surda.



Metodologia

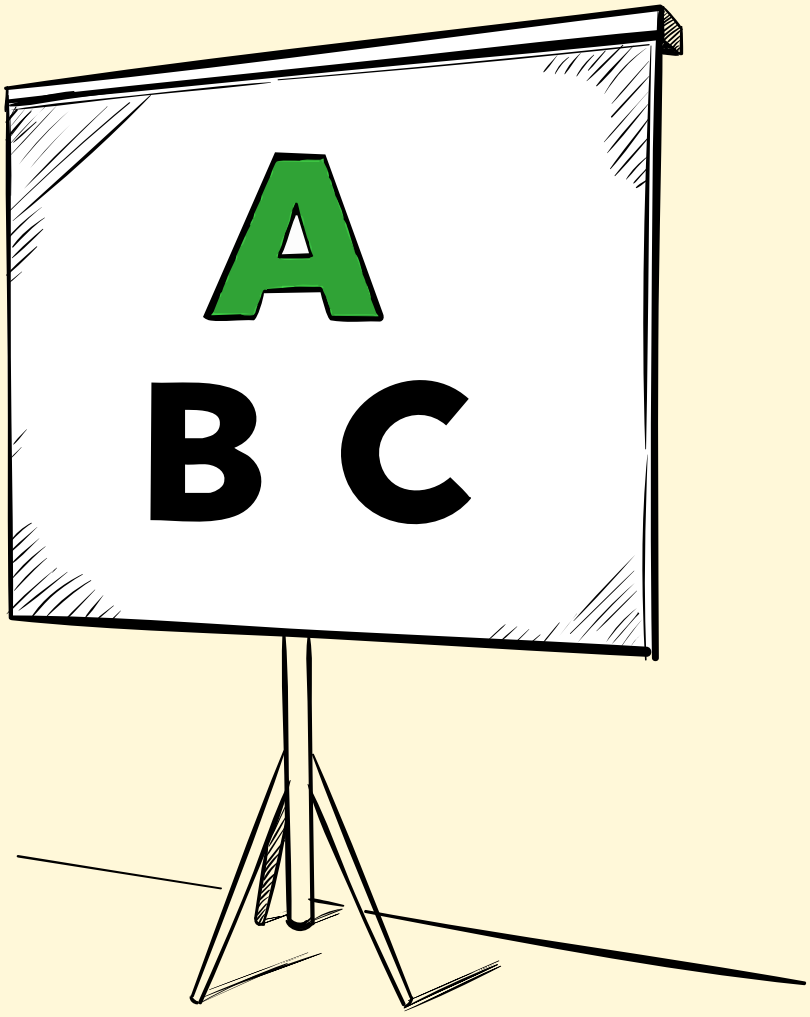
Como tudo isso vai acontecer, na prática?

A oficina será desenvolvida com base nas abordagens de aprendizagem experiencial, colaboração entre pares e autoformação reflexiva, respeitando o formato 100% assíncrono.

A metodologia promove o engajamento ativo por meio da exploração de conteúdos acessíveis em Libras e em português, proporcionando um primeiro contato com a língua de sinais e com os marcos legais e culturais da educação bilíngue.

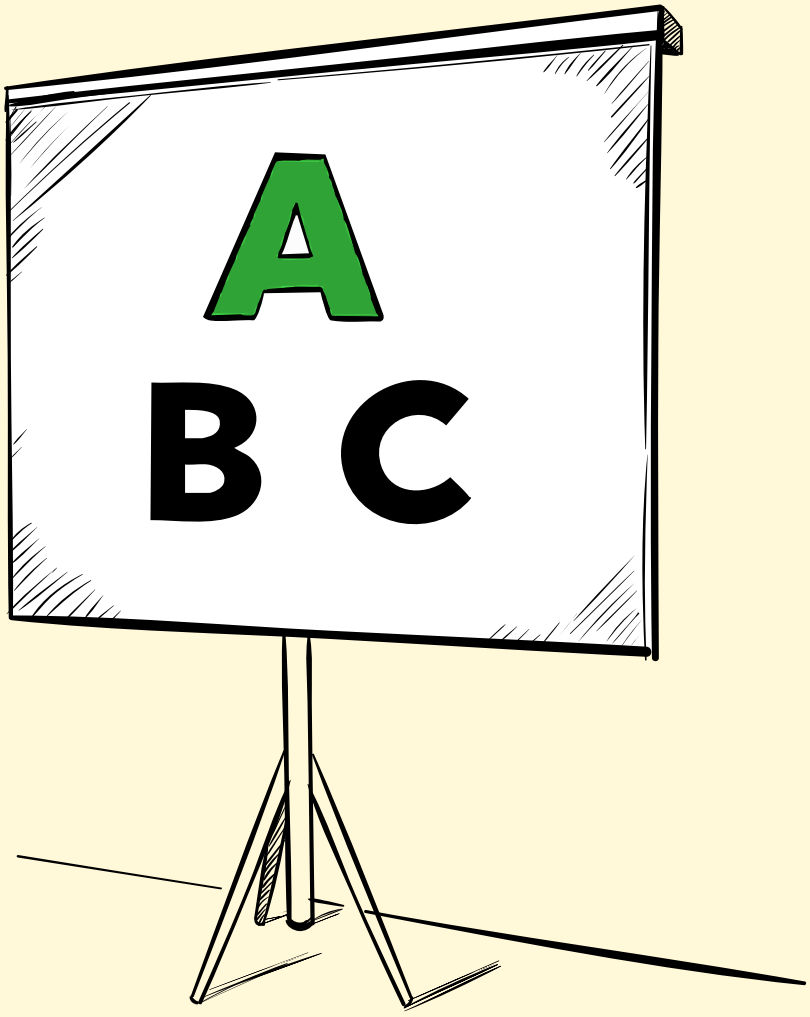
A oficina propicia a interação significativa e o engajamento prático por meio de:

- **Vídeos indicados no e-book didático para comparação entre Libras e português, visando desenvolver a sensibilidade linguística;**
- **Fóruns colaborativos, com trocas de experiências e práticas escolares;**
- **Atividades como incentivo à reflexão;**
- **Estímulo ao protagonismo do cursista na construção do próprio conhecimento**



Para isso, os/as cursistas serão encorajados/as a:por meio de:

- ler o material disponibilizado na plataforma;
- assistir ao *videobook* em Libras com o mesmo conteúdo de língua portuguesa;
- participar do fórum de discussão;
- praticar a Libras, com aprendizado baseado em autoestudo;
- criar um portfólio sobre a educação bilíngue para surdos e o papel da gestão escolar no ensino médio.



2. Âncora (temática orientadora)

Você está prestes a embarcar em uma jornada diferente! Esta oficina de Libras é um dos momentos assíncronos do nosso curso. Isso quer dizer que você poderá caminhar no seu próprio tempo e ritmo. Aqui, a autonomia é sua maior aliada!

Para tornar essa experiência mais envolvente, criamos um Território Vivo — com um mapa visual, cheio de possibilidades e descobertas—, que será a nossa âncora. Nele, você encontrará oito tarefas incríveis, que, juntas, formam um ecossistema, um espaço simbólico onde há equidade, respeito e direito à comunicação.

Cada lugar na imagem representa um pedacinho importante do que precisamos entender, sentir e praticar para construir uma escola verdadeiramente **bilíngue**.

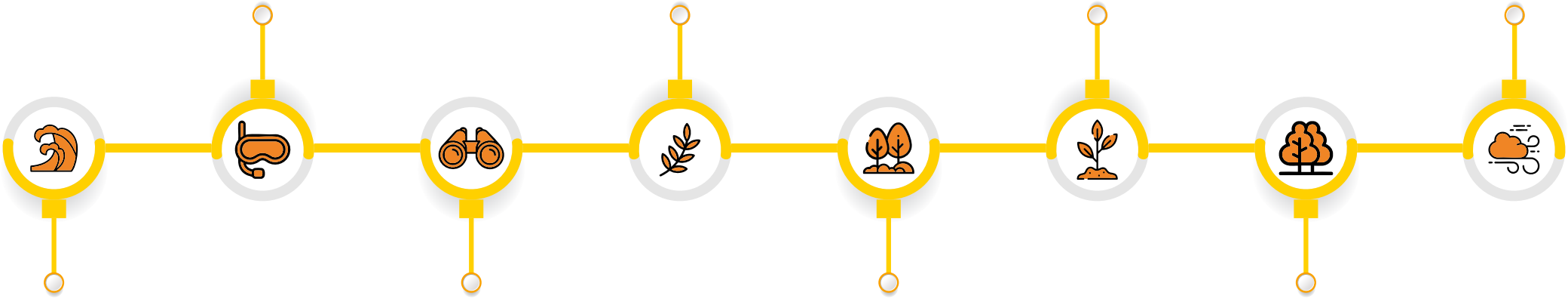


Mergulhar no rio
Vivenciar o contato direto com a comunidade surda.
Minitarefa: Conversar com uma pessoa surda e observar a sensação vivida. Refletir sobre o que essa experiência provoca, comparando-a com o material do e-book.

Bibliocopa: galhos de literatura em Libras
Entre troncos e folhas, livros em Libras florescem com cultura, vida e identidade.
Minitarefa: Acessar e conhecer a Bibliolibras.

Solo das Diversas Sementes
Na terra fértil, surgem os números em libras, como sementes que vão além da contagem.
Minitarefa: Vivenciar os números em Libras.

Vento dos Primeiros Diálogos
O vento leva as palavras de mão em mão.
Minitarefa: Gravar um vídeo curto em Libras, com uma apresentação pessoal, e enviar à plataforma.



Às margens do Rio das Políticas
Onde fluem as normas que sustentam os direitos linguísticos dos surdos.
Minitarefa: Ler a Lei nº 10.436/2002 (Lei de Libras) e demais marcos legais associados.

Para identificar culturas: olhar pelo binóculo
Onde se revelam as histórias e vivências.
Minitarefa: Assistir ao filme Meu nome é Jonas e refletir sobre pertencimento, linguagem e silenciamentos.

Clareira dos Ecos Coletivos
O vento carrega vozes. Aqui, partilhar é nutrir o solo comum.
Minitarefa: Praticar o alfabeto manual em Libras, explorando as configurações de mão.

Santuário das Raízes Linguísticas
Um oásis onde as raízes expostas revelam o nascimento da comunicação.
Minitarefa: Praticar os cumprimentos em Libras.

Nessa oficina, vamos falar tanto de políticas públicas e legislação quanto de aprendizado da língua de sinais. O objetivo? Preparar gestores/as e educadores/as que entendam a importância da educação bilíngue para surdos, como a nossa legislação exige e como a inclusão de verdade merece.

Por que isso tudo importa?

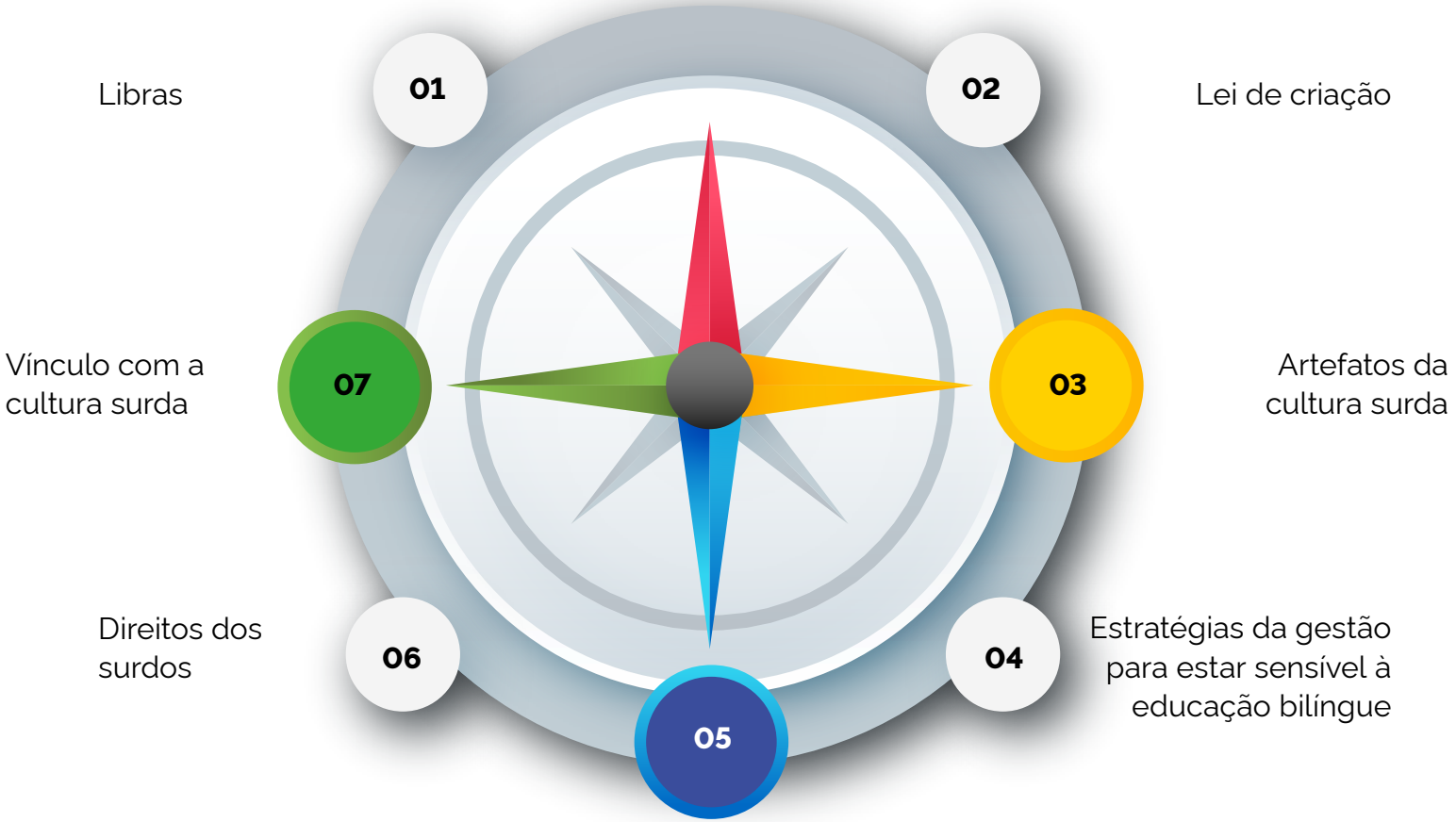
Porque, historicamente, os surdos têm sido os que mais se adaptam ao mundo ouvinte. Poucas vezes o contrário acontece. Essa falta de equilíbrio nas interações vai muito além do idioma: envolve identidade, pertencimento, cultura e formas diferentes de perceber e estar no mundo.

É aí que entra o nosso papel como educadores/as.

Que tal começarmos esse diálogo? A oficina não traz respostas prontas, mas abre caminhos. Nesse sentido, queremos provocar a reflexão e a ação. Por isso, oferecemos uma experiência que vai muito além da teoria, para que você sinta na pele o que significa pensar uma educação verdadeiramente bilíngue e inclusiva. E o primeiro passo… é seu!

3. Mapa pedagógico

Visualização interativa



Bloco 1

SESSÃO 1

Marcos legais, sensibilização para a cultura surda e estratégias para a gestão de escolas com estudantes surdos.

7,5 h
Corresponde aos locais 1, 2, 3 e 4 do Território Vivo

Atividades

- Leia o texto-base da oficina (e-book didático);
- Assista aos vídeos indicados, em Libras;
- Acesse os links para estudo de artigos científicos e da legislação;
- Desenvolva as atividades de aprofundamento;
- Participe do fórum de discussão na plataforma de aprendizagem;
- Crie um vídeo caseiro, em que demonstre alguns sinais em Libras que você aprendeu.

SESSÃO 2

Prática de vocabulário básico em Libras para comunicação inicial: parâmetros fonológicos da Libras, alfabeto manual, números, sinal-nome e cumprimentos.

7,5 h
Corresponde aos locais 5, 6, 7 e 8 do Território Vivo

Atividades

- Leia o texto-base da oficina (e-book didático);
- Assista aos vídeos indicados, em Libras;
- Acesse os links para estudo de artigos científicos e da legislação;
- Desenvolva as atividades de aprofundamento;
- Participe do fórum de discussão na plataforma de aprendizagem;
- Crie um vídeo caseiro, em que demonstre alguns sinais em Libras que você aprendeu.

Os “artefatos” a serem produzidos

Ao longo do estudo do material, estimulamos a produção de um texto, que deve ser enviado a um fórum de discussões na plataforma. Ele deve trazer dados, legislação, reflexões e possíveis práticas extraídas do processo formativo vivenciado na oficina, além de estar voltado para a gestão da educação bilíngue de estudantes surdos no ensino médio.

No fórum de discussões, você deve destacar o papel fundamental da gestão escolar nesse processo — desde a luta por viabilização de recursos e formação de professores e intérpretes até a promoção de um ambiente linguístico acessível (Libras-português), em articulação com as políticas públicas. Você também pode apresentar projetos que contribuam para a inserção da Libras na escola.

O objetivo é inspirar ações concretas e reforçar a responsabilidade da equipe gestora na construção de uma escola pública de qualidade, que respeite as conquistas e os direitos das pessoas surdas a uma educação bilíngue.



4. Sessões de estudo

SESSÃO DE ESTUDO 1

Marcos legais, sensibilização para a cultura surda e estratégias para a gestão de escolas com estudantes surdos.

Objetivos específicos da sessão

- Identificar os instrumentos legais mais significativos para a educação bilíngue de surdos e a Libras; tornando-se ciente dos direitos que eles já conquistaram.
- Dialogar brevemente com estudantes surdos sobre a gestão de escolas de ensino médio e sobre o desenvolvimento da educação bilíngue.

Conteúdo

Com a bússola na mão, rumo ao Território Vivo.

Com a bússola firme nas mãos, iniciamos nossa jornada pelo Território Vivo, onde o olhar é palavra e o gesto vira ponte. Como em toda aventura, começaremos por um marco importante.



1. Às margens do Rio das Políticas

Onde fluem as normas que sustentam os direitos linguísticos dos surdos.

Este é um lugar poderoso — como um rio de águas calmas que, ao mesmo tempo, carrega força histórica. Nele, encontramos os marcos legais que estruturam o reconhecimento da

Libras como língua legítima e os direitos que garantem o acesso à educação, à cidadania e à comunicação para as pessoas surdas.

Aqui, cada norma é como uma pedra colocada com propósito no leito do rio: firme, essencial e transformadora. Caminhar por essa margem é compreender que o direito à linguagem não é apenas uma questão técnica — é um direito humano.

Minitarefa 1:

A bússola para essa travessia é a leitura da **Lei nº 10.436/2002 (Lei de Libras)** e dos **marcos legais associados.** Reflita sobre o que essas leis representam, como foram conquistadas e o que ainda precisa ser garantido.



Reflita: Que vozes ecoam dessas águas legais? Como elas moldam as práticas e políticas educacionais de hoje?

Saiba mais:
Para saber mais, recomendamos que acesse este link e conheça os detalhes da Lei 10.436/2002. Leia-a na íntegra em: https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=23&data=25/04/2002. Trata-se da Lei de Libras. Você verá que é um documento curto. Vale destacar o seu artigo 4º, que trata da inclusão da Libras em cursos de formação de professores

Agora, observe a tirinha:



Figura 1: Tirinha "Aquele Sujeito Surdo". Fonte: Peregrine e Silva, 2019, p. 142.

Como instrumento legal, a Lei da Libras reconhece e consolida o **status de língua** para a Libras no Brasil. Ela é considerada uma língua porque constitui um sistema linguístico completo: possui sintaxe, gramática própria, regras específicas e variações regionais, além de ser um instrumento cultural essencial para a comunidade surda (Quadros; Karnopp, 2009). Essa complexidade a distingue de uma mera "linguagem de sinais" — termo inadequado, pois "linguagem" se refere a um conceito mais amplo, abrangendo comunicação verbal, não verbal, simbólica, etc. (Gesser, 2009). Seu reconhecimento como língua, portanto, garante à Libras o mesmo respeito e legitimidade conferidos às línguas orais.

Essa é apenas a primeira parte da jornada. Vamos continuar?



Os artefatos da cultura surda são manifestações visíveis e materiais da identidade coletiva surda. Eles incluem, por exemplo, vídeos em Libras, literatura surda, teatros visuais, poesia sinalizada e sinais-nome. Que tal agora fazer um mergulho no rio do nosso Território Vivo? Ele possui conteúdos valiosos e será explorado também na Minitarefa 2, a seguir!

Minitarefa 2:

Que tal vivenciar o contato direto com a comunidade surda?

Nessa tarefa, queremos que você saia do Território Vivo criado aqui, no ambiente virtual, e explore espaços reais. Busque conversar com uma pessoa surda e veja como se sai nesse diálogo[1]. Observe-a na interação estabelecida com você. Depois, relacione ao conteúdo da Figura 1 as impressões que sua experiência deixou. Guarde essa sensação para, mais à frente, somá-la com outras atividades.

É importante ressaltar que, mesmo entre os surdos e as pessoas ouvintes proficientes em Libras, nem todos têm domínio da língua de sinais na sua completude; sempre se aprende uma palavra ou sinal novo. Isso acontece também quando lemos um livro em língua escrita: no contato com o texto literário, conhecemos expressões novas em português. Com os surdos, é semelhante: a literatura em Libras também oferece repertório para que ele possa **se expressar mais e melhor na sua língua!**

Assim como acontece com os livros impressos e as músicas na cultura ouvinte, também os produtos visuais da comunidade surda são legítimos e significativos para ela. Strobel (2008) destaca que tais artefatos são criados e transmitidos com base em uma lógica visual e corporal. Em vez de dependerem do som, eles utilizam o espaço, o movimento, a expressão facial e os gestos como recursos comunicativos e artísticos. O principal artefato destacado pela autora é a **experiência visual,** que estrutura toda a percepção e a forma de estar no mundo dos sujeitos surdos. Nesse aspecto, **a ausência de audição não é vista como**

[1] Nessa oficina, direcionamos a formação para pessoas que não sabem a Libras, nunca tiveram ou pouco tiveram contato com pessoas surdas. No caso de você já ter essa convivência, nós o/a convidamos para ser um motor de diálogo nas atividades assíncronas (um fórum de discussão), colaborando com a formação dos demais colegas. Caso você ainda não tenha tido qualquer contato com uma pessoa surda, indicamos que procure a associação de surdos mais próxima. Será uma excelente oportunidade de conhecer um pouco da comunidade surda brasileira.

deficiência, mas como redirecionamento da percepção para o olhar, fazendo da visão o eixo central da comunicação e do relacionamento com o ambiente.

Em nosso Território Vivo, cada espaço revela algo importante sobre a cultura surda. Ao olhar pelo binóculo, você é convidado/da a conhecer um direito que já é lei: a educação bilíngue de surdos.

No que se refere ao seu contato com uma pessoa surda, na Minitarefa 2, gostaríamos de lançar uma problematização: o que você poderia nos dizer sobre as características que observou nessa experiência? Queremos refletir justamente sobre os aspectos aos quais precisamos estar atentos, como gestores/as e educadores/as.

De certo modo, se o jovem surdo já chegou ao ensino médio, poderíamos imaginar que:

- Ele já sabe a língua portuguesa, pois possui alguns anos de escolarização?
- Esse estudante surdo poderá acompanhar perfeitamente o que os professores almejam em aula, se a escola oferecer material impresso de qualidade para leitura em língua portuguesa (por exemplo, um livro ilustrado)?
- O ponto crítico para o estudante surdo será somente o diálogo oral em sala de aula, momento em que ele precisa de mediação por intérpretes de Libras?
- Então, oferecer intérprete de Libras é tudo o que precisa ser feito para ter uma educação bilíngue?

PROBLEMATIZAÇÃO

NO QUE SE REFERE AO SEU CONTATO COM UMA PESSOA SURDA NA MINI-TAREFA 1, **O QUE VOCÊ PODERIA NOS DIZER SOBRE QUE CARACTERÍSTICAS VOCÊ OBSERVOU NO CONTATO COM À PESSOA SURDA?**

QUEREMOS JUSTAMENTE REFLETIR SOBRE QUAIS ASPECTOS PRECISAMOS ESTAR ATENTOS ENQUANTO GESTORES E EDUCADORES. DE CERTO MODO, SE O JOVEM SURDO JÁ CHEGOU AO ENSINO MÉDIO, PODERÍAMOS PENSAR QUE:

Já sabe língua portuguesa, pois já possui alguns anos de escolarização.

Se a escola oferecer material impresso de qualidade (por exemplo, livro ilustrado) para leitura em língua portuguesa, este estudante surdo pode acompanhar perfeitamente o que os professores almejam em aula, certo?



O ponto crítico para o estudante surdo será somente o diálogo oral em sala de aula, momento em que ele precisa de mediação por intérpretes de Libras?

Então, oferecer intérprete de Libras é tudo o que precisa ser feito para ter uma educação bilingue?

Se sua resposta for “sim” para essas problematizações, temos que esclarecer: não é bem dessa forma que as coisas funcionam com os surdos.

Na atividade em que foi estimulado/ a ter contato com uma pessoa surda, você deve ter percebido que, entre as particularidades, estão as questões linguística e comunicacional como pontos nevrálgicos. Após sua experiência, pedimos que você a comparasse com o conteúdo da Figura 1: a tirinha em que o personagem surdo conversa com um ouvinte sem conhecimento da língua de sinais. Nessa passagem, o personagem surdo revela conseguir se comunicar porque aprendeu a fazer leitura labial, após vinte anos tendo que assistir a filmes sem legenda. Ou seja, a tirinha deixa claro que **quem se esforça todo o tempo para se comunicar é o surdo**. O ouvinte parece não ter feito nenhum esforço significativo.

É preciso refletir sobre isso!

Ao caminhar pelo nosso Território Vivo, representado no mapa da oficina, você logo percebe que a Libras não é só uma forma de se comunicar — é também uma forma de ver, sentir e viver o mundo.

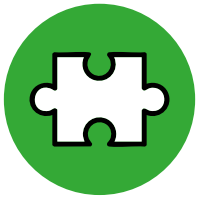
Esse olhar mais atento e sensível nos permite ir além da ideia de Libras como "comunicação funcional". Ao compreender a riqueza da cultura surda, somos convidados/as a construir relações pedagógicas mais respeitosas, dialógicas e verdadeiramente inclusivas com os estudantes surdos.

> Essas questões vão muito além da língua em si: envolvem identidade, pertencimento, cultura, modos de conhecer e de estar no mundo.

A pesquisadora surda brasileira Karin Strobel nos ajuda a compreender isso melhor. Em sua obra As Imagens do Outro sobre a Cultura Surda (2008), ela fala sobre como uma cultura rica, diversa e profundamente marcada por um jeito próprio de experimentar o mundo: a visualidade.
Enquanto o senso comum costuma associar a surdez à ausência de audição ou a uma deficiência, Strobel nos mostra que as pessoas surdas compartilham uma identidade linguística e cultural própria, centrada na Língua Brasileira de Sinais.
Essa cultura se manifesta também em:



práticas sociais



comportamentos



valores



objetos simbólicos – os chamados artefatos culturais surdos.

Pense no Território Vivo que criamos como metáfora dessa cultura: cada espaço representa não apenas um conteúdo a ser estudado, mas um aspecto dessa identidade visual, comunitária e potente que os surdos compartilham entre si.

Portanto, ao explorar cada ambiente, você também mergulha em um universo cultural cheio de sentidos, histórias e resistências.

Agora, vamos para a terceira jornada em nosso Território Vivo!



A Lei nº 14.191/2021 reconhece a educação bilíngue de surdos com uma modalidade que tem lugar próprio na LDB, com a Libras como língua de instrução e o português escrito como segunda língua.

Essa conquista rompe com a ideia de que a surdez está apenas no campo da deficiência. É uma valorização da identidade linguística e cultural da comunidade surda. Como explica Karin Strobel (2008), a Libras é mais que uma língua: é um artefato cultural que expressa valores, modos de viver e pertencimento.

Vamos olhar pelo binóculo? A lei está posta. Agora, é hora de dar vida a ela nas escolas!

A convivência com outros surdos, especialmente adultos, também é apontada como um importante artefato. O contato com modelos surdos é essencial para a formação da identidade de crianças surdas, especialmente aquelas que crescem em famílias ouvintes. As associações e comunidades surdas — como federações, igrejas e grupos culturais — são espaços privilegiados de vivência, resistência e transmissão da cultura surda, onde se compartilham experiências, histórias e formas de organização próprias.

A literatura surda, por sua vez, é formada por narrativas visuais contadas em Libras, transmitidas de uma geração a outra, que reforçam a memória coletiva e os valores do grupo.

O lazer e os modos de interação social também configuram artefatos, pois são moldados pela lógica visual, com normas e etiquetas específicas, como a importância do contato visual direto durante as conversas. Há, ainda, os recursos tecnológicos visuais — como alarmes luminosos, mensagens de vídeo e videochamadas —, que são considerados artefatos culturais por permitirem a acessibilidade e a autonomia dos sujeitos surdos, sendo elementos incorporados à sua vida cotidiana.

Esses artefatos evidenciam que a cultura surda é visual, coletiva, simbólica e viva. Isso exige da escola e de gestores/as o reconhecimento de sua legitimidade e o compromisso com práticas que respeitem e valorizem essa diferença cultural.

Em suma, o surdo é um sujeito com cultura, língua e identidade, vinculado à visualidade, com maneiras de expressão e socialização próprias, como o uso de imagem, de literatura visual, de poesia visual, da língua de sinais, de tecnologias visuais e da convivência social (esportiva, religiosa, comunitária/associativa e familiar).

Para os/as gestores/as escolares, compreender os artefatos da cultura surda significa ir além da inclusão física de estudantes surdos nas salas de aula. É necessário criar condições para que eles tenham **acesso pleno à sua própria cultura e língua, na perspectiva da educação bilíngue.**

De que maneira a gestão da escola de ensino médio pode ser sensível a esses aspectos? Cada escola se organiza de uma maneira única, cada unidade tem sua cultura organizacional. No entanto, quando há surdos na comunidade educacional, algo geral se impõe: **é preciso que haja a valorização da Libras como primeira língua, o incentivo a projetos culturais com e sobre a comunidade surda, a promoção de eventos escolares bilíngues e o respeito às formas visuais de arte e comunicação. A escola, portanto, é um espaço de convivência entre culturas, onde a diferença linguística e cultural não é barreira, mas riqueza.**

Saiba mais:
Você sabia que existem vários filmes que têm os surdos como tema central? Recomendamos que assista a And your Name is Jonah, de 1979, cujo título é, em tradução livre para a língua portuguesa, ***E Seu Nome é Jonas***. Trata-se de um drama que narra a história de uma criança surda em sua família. Você pode encontrar o filme em repositórios de vídeos online como YouTube e Vimeo.

Ainda como forma de enriquecer sua sensibilização em relação aos surdos, recomendamos, após o filme, a leitura do artigo E o seu nome é Jonas: recursos visuais e textuais/verbais como crítica ao discurso oralista na educação de surdos, dos professores Tatiane Pereira, Gláucia Cândido e Jorge Santos, no link https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/66285

A este ponto da oficina, você já deve ter notado o quanto a sensibilidade é importante para perceber que a educação bilíngue começa quando a cultura surda é legitimada dentro das instituições educacionais e vista como parte do patrimônio cultural brasileiro.

Reconhecer os artefatos da cultura surda é um passo fundamental para que os/as gestores/as compreendam o papel que a escola deve desempenhar na formação de uma sociedade mais justa, plural e acessível. Valorizar esses elementos é afirmar que os estudantes surdos

têm o direito de pertencer, participar e contribuir com sua identidade e criatividade. Sem dúvida, é preciso perguntar-se cotidianamente: **De que forma a Libras está contemplada nas atividades propostas pela escola? Como podemos nelas inserir a língua de sinais, de maneira efetiva? Em quais momentos e espaços podemos valorizar a visualidade? E, sobretudo, onde e como o estudante surdo está considerado, em cada uma dessas propostas pedagógicas?** Essa postura, seguramente, já é uma contribuição que demonstra a sensibilização dos/as gestores/as. Anote isso para o seu plano de gestão ou memorial!

É claro que, muitas vezes, haverá barreiras técnicas e dificuldades institucionais para que essa sua sensibilização seja convertida em atividades práticas, no cotidiano escolar. Nesses momentos, o primeiro passo deve ser identificar: Que barreiras é preciso vencer? Elas são as mesmas encontradas em outras escolas?

Aproveitando esse gancho, agora propomos a você a Minitarefa 3.

Minitarefa 3:

Vamos problematizar:

1) Considerando a sua trajetória nas práticas educativas e nas atividades de gestão, quais são as dificuldades para se estar sensível à Libras e à cultura surda, e também para implementar a educação de que o surdo necessita na sua escola de ensino médio?
2) Serão essas dificuldades semelhantes às de outras unidades educativas na sua região?

Utilize essas problematizações para abrir uma discussão no fórum. Use as ideias compartilhadas no seu plano de gestão, portfólio ou memorial.

A partir das perguntas problematizadoras disponíveis na Minitarefa 3, seguimos com a nossa reflexão. Muitas vezes, as dificuldades práticas que encontramos no chão da escola já foram previstas em lei, mas ainda não foram atingidas pelas políticas públicas, e demandam aspectos que fogem à alçada da gestão da escola. Entretanto, como gestores/as, **estar**

cientes dos direitos legais também é um passo para ampliar o diálogo com as secretarias de Educação e com as políticas micro e macro, visando alcançar a educação bilíngue, que é direito do surdo.

No que se refere ao âmbito social e também escolar, a Lei da Libras (Lei 10.436/2002) garante o acesso da pessoa surda a intérpretes em seu artigo 2º, que trata das formas institucionalizadas de apoiar o uso e a difusão da Libras. Ela também determina, no artigo 4º, que todos os cursos de formação de professores na graduação devem oferecer o ensino de Libras (Brasil, 2002).

Esses direitos foram detalhados no **Decreto 5.626/2005**, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a referida lei. Esse decreto é um dos instrumentos que também reafirmam o direito a tradutores e intérpretes na escola.

É direito do aluno surdo contar com intérpretes de Libras qualificados em sala de aula.

Saiba mais:
Que papel tem o intérprete na escola? Assista a um vídeo divertido sobre a vida de tradutores e intérpretes nas instituições educativas. Reflita sobre as situações retratadas e compare com suas crenças. O vídeo foi capaz de influenciar as suas percepções sobre o papel dos intérpretes nas escolas? Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=smsAvlii3aY[2]

[2] Lynne Kelly. A Few Minutes In The Life Of A Sign Language Interpreter, The Classroom. YouTube. 16 de dez. de 2010. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1cqv84ywBSE. Tradução de Fernando Parente. Versão Traduzida para o Português disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=smsAvlii3aY

Uma conquista importante nas escolas é o envio de intérpretes de Libras-português pelas secretarias de Educação. No entanto, essa ação, por si só, não garante a educação bilíngue. É essencial que a gestão escolar esteja atenta à formação desses profissionais, conforme determina a legislação.

A **Lei 14.704/2023** estabelece que só pode atuar como **tradutor e intérprete de Libras** quem tiver formação específica na área: curso técnico ou superior em tradução e interpretação de Libras, ou especialização com comprovação de proficiência. Já a **Lei Brasileira de Inclusão (Lei 13.146/2015)** reforça esse direito e exige, no mínimo, ensino médio completo com qualificação específica para atuar na educação básica. Portanto, **não é obrigatório ter diploma superior, mas é imprescindível a formação técnica em tradução e interpretação de Libras**. Por exemplo, um licenciado em Geografia com curso técnico em Libras pode atuar legalmente como intérprete na escola. Garantir a qualidade do trabalho dos intérpretes é essencial para que o estudante surdo tenha acesso pleno às aulas e seja avaliado com equidade, como assegura o **Decreto nº 5.626/2005.**

É direito do/da estudante surdo ser avaliado/a de maneira justa, considerando sua língua e cultura, e expressar seu conhecimento por meio da Libras.

Saiba mais:

Atividades de tradução

Transpor material de uma língua a outra, de maneira assíncrona. Por exemplo, traduzir para Libras um texto em português, gravando essa tradução num vídeo a ser veiculado posteriormente.

Atividades de interpretação

Mediar entre as duas línguas de forma imediata. Por exemplo, mediar o diálogo entre duas pessoas, uma delas falando em língua oral e a outra se expressando em língua de sinais; interpretar uma aula ou palestra de maneira simultânea.

Minitarefa 4:

Acesse uma biblioteca em Libras e permita-se vivenciar histórias contadas por meio das mãos, expressões e movimentos.



Nossa sugestão é a Bibliolibras, uma biblioteca digital que reúne obras literárias em Língua Brasileira de Sinais. Ela está disponível pelo link: www.bibliolibras.com.br.

Explore o acervo, escolha uma história e assista com atenção. Observe como a narrativa visual revela sentidos únicos, ampliando sua compreensão sobre cultura, identidade e expressão surda.

O que essa forma de leitura desperta em você? Como a Libras transforma a literatura em experiência viva?

Vamos avançar um pouco mais?

Você pode estar se perguntando: por que não poderíamos simplesmente avaliar o surdo por meio da língua portuguesa, já que ele deve aprendê-la? Para esclarecer esse ponto, é fundamental lembrarmos que a Libras, conforme você leu na Lei nº 10.436/2002 não substitui o português. Todos os instrumentos legais já citados até aqui induzem à **coexistência dessas duas línguas em um contexto de bilinguismo**. Essa relação de coexistência linguística implica que **o estudante surdo não será submetido ao uso exclusivo do português em avaliações ou outras situações educacionais, pois seu direito à Libras é inalienável**. Nesse sentido, a educação bilíngue emerge como princípio essencial, garantindo a convivência harmoniosa e equitativa entre ambas as línguas no ambiente escolar.

Uma das formas de viabilizar esse processo é disponibilizar os textos das avaliações aos tradutores e intérpretes de Libras com antecedência. Essa prática é fundamental, pois a qualidade da aprendizagem do estudante surdo está diretamente relacionada à mediação comunicacional realizada por esses profissionais.

Ao ter acesso prévio ao material, o intérprete pode preparar uma tradução de material didático mais cuidadosa, com escolhas lexicais e sinalização em Libras mais precisas e fiéis ao conteúdo original em língua oral. Recomenda-se, nesse caso, que os professores que elaboraram as avaliações dialoguem com os tradutores e intérpretes para esclarecer o sentido pretendido nas questões, pois isso garante uma transposição linguística mais adequada para os estudantes surdos.

Esse cuidado é essencial em qualquer processo de tradução entre línguas, já que, como sabemos, raramente existem equivalências perfeitas e diretas entre sistemas linguísticos diferentes. Além disso, é imprescindível ter sempre em mente que o processo leva tempo e merece ser tratado com certa antecedência ao dia da avaliação ou atividade prevista.

Sobre a avaliação justa, acessemos diretamente o que diz o artigo 14 do Decreto 5626/2005:

Art. 14. As instituições federais de ensino ***devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação****, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até a superior.*
§ 1o Para garantir o atendimento educacional especializado e o acesso previsto no caput, as instituições federais de ensino devem:
(...)
VI - ***adotar mecanismos de avaliação coerentes com aprendizado de segunda língua, na correção das provas escritas, valorizando o aspecto semântico e reconhecendo a singularidade lingüística manifestada no aspecto formal da Língua Portuguesa.***
(...)
§3º ***As instituições privadas e as públicas*** *dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal* ***buscarão implementar as medidas referidas neste artigo*** *como meio de assegurar atendimento educacional especializado aos alunos surdos ou com deficiência auditiva. (Brasil, 2005, p. 29, grifo nosso).*

Além do direito ao uso da Libras, à presença de intérpretes com qualidade e a uma avaliação justa, é preciso garantir uma prática de educação bilíngue.

É direito do estudante surdo ter educação bilíngue, garantindo inclusive aulas de Libras (como sua primeira língua de comunicação e expressão), da mesma forma que os estudantes ouvintes têm aulas de língua portuguesa. Para os surdos, as aulas de língua portuguesa devem ser na perspectiva de segunda língua, na modalidade escrita.

O estudante surdo tem direito a receber uma educação bilíngue, mesmo em escolas que não são categorizadas como bilíngues, visto que a legislação prevê salas de aula bilíngues em escolas inclusivas.

O artigo 28, inciso IV da Lei Brasileira de Inclusão (**Lei 13.146/2015**), de 06 de julho, diz o seguinte:

Art. 28 Incumbe ao poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar:
(...)
*IV - **oferta de educação bilíngue, em Libras como primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas.** (Brasil, 2015, p. 4, grifo nosso).*

Como se vê, o direito à educação bilíngue para estudantes surdos garante o ensino da Libras como primeira língua e de comunicação plena, paralelamente ao ensino do português escrito como segunda língua, assegurando assim equivalência de direitos linguísticos em relação aos estudantes ouvintes, porém com metodologias adequadas a cada especificidade.

Desde 2014, esse direito também é citado no Plano Nacional de Educação (2014-2024), estabelecido pela **Lei nº 13.005,** de 25 de junho de 2014, e posteriormente reafirmado em 2021, mediante as alterações introduzidas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), consolidada pela **Lei nº 14.191,** de 3 de agosto de 2021.
A Estratégia 4.7 da Meta 4 do Plano Nacional de Educação 2014-2024 diz:

4.7) garantir a oferta de educação bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como primeira língua e na modalidade escrita da Língua Portuguesa como segunda língua, aos (às) alunos (as) surdos e com deficiência auditiva de 0 (zero) a 17 (dezessete) anos, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas, nos termos do art. 22 do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, e dos arts. 24 e 30 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, bem como a adoção do Sistema Braille de leitura para cegos e surdos-cegos. (Brasil, 2014, p. 3).

A alteração da LDB que inclui a educação bilíngue como modalidade educacional prevê a valorização da cultura e identidade surda. Vale a pena recuperar aqui o Capítulo V-A acrescido à Lei nº 9.394/1996 pela **Lei nº 14.191**, de 3 de agosto de 2021.

CAPÍTULO V-A
DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE SURDOS
Art. 60-A. Entende-se por educação bilíngue de surdos, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos, para educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, optantes pela modalidade de educação bilíngue de surdos.
§ 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio educacional especializado, como o atendimento educacional especializado bilíngue, para atender às especificidades linguísticas dos estudantes surdos.
§ 2º A oferta de educação bilíngue de surdos terá início ao zero ano, na educação infantil, e se estenderá ao longo da vida.
§ 3º O disposto no caput deste artigo será efetivado sem prejuízo das prerrogativas de matrícula em escolas e classes regulares, de acordo com o que decidir o estudante ou, no que couber, seus pais ou responsáveis, e das garantias previstas na Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 (Estatuto da Pessoa com Deficiência), que incluem, para os surdos oralizados, o acesso a tecnologias assistivas.
Art. 60-B. Além do disposto no art. 59 desta Lei, ***os sistemas de ensino assegurarão*** *aos educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas* ***materiais didáticos e professores bilíngues com formação e especialização adequadas, em nível superior.***
Parágrafo único. Nos processos de contratação e de avaliação periódica dos professores a que se refere o caput deste artigo serão ouvidas as entidades representativas das pessoas surdas."
Art. 3º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 78-A e 79-C:

"Art. 78-A. Os sistemas de ensino, em regime de colaboração, desenvolverão programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos estudantes surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, com os seguintes objetivos:

I - proporcionar aos surdos a recuperação de suas memórias históricas, a reafirmação de suas identidades e especificidades e a valorização de sua língua e cultura;

II - garantir aos surdos o acesso às informações e conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades surdas e não surdas. (Brasil, 2021, p. 1, grifo nosso).

A educação bilíngue para surdos, conforme a lei, envolve o ensino da Libras como primeira língua, da língua portuguesa escrita como segunda língua, a valorização da identidade surda e a presença de professores bilíngues para ministrar conteúdos diretamente em Libras.

Mesmo sendo surdos, muitos estudantes **precisam da escola para aprender Libras**, pois fazem parte de famílias ouvintes e não têm acesso à língua desde o nascimento. A escola, portanto, torna-se o principal espaço de estímulo linguístico para o desenvolvimento integral desses alunos. Como gestor/ público/a, seu desafio vai além da matrícula: é preciso garantir **recursos, profissionais qualificados, aulas de Libras, materiais adaptados** e dialogar com secretarias de Educação, associações de surdos e famílias para que os direitos garantidos em lei se tornem realidade na prática. É papel da gestão escolar cobrar, notificar e atuar para que a estrutura necessária seja oferecida, contribuindo para a efetiva institucionalização da educação bilíngue nas escolas públicas.

Os estudos realizados até aqui, com todas as atividades de aprofundamento sugeridas, situam os direitos dos surdos e estimulam a sensibilidade sobre a importância da educação bilíngue. Alguns aspectos para implementar esses direitos cabem, sim, à gestão da escola. Outros, não. Porém, mesmo que haja situações em que as escolas não possuam capacidade técnica para desenvolvê-los, é responsabilidade da gestão e dos agentes escolares cobrarem, notificarem e dialogarem com as secretarias de Educação, exigindo que as devidas condições sejam

oferecidas, como a abertura de concurso público para professores de Libras e a oferta da estrutura tecnológica necessária às atividades de tradução para Libras, dentro da escola.

Esperamos que as reflexões trazidas até aqui tenham contribuído com as questões relacionadas à gestão da escola pública de ensino médio. Na próxima sessão, continuaremos nossa jornada pelo Território Vivo! Até breve!

SESSÃO DE ESTUDO 2

Prática de vocabulário básico em Libras para comunicação inicial: parâmetros fonológicos da Libras, alfabeto manual, números, sinais-nome e cumprimentos.

Objetivos específicos da sessão

- Experienciar a prática da comunicação em Libras.
- Aprender sinais básicos para interações iniciais com pessoas surdas.
- Desenvolver familiaridade com a estrutura visual-espacial da Libras.
- Reconhecer a importância do uso respeitoso e intencional da língua de sinais no ambiente escolar..

Conteúdo

Vamos seguir explorando o Território Vivo?

Como você já estudou anteriormente, a **Libras é uma língua** — reconhecida legalmente como o meio de expressão **natural da comunidade surda.** Como acontece com qualquer outro idioma, aprender Libras exige prática, curiosidade e sensibilidade.
Após conhecer seus fundamentos teóricos e legais na Sessão 1, chegou a hora de "colocar as mãos nos sinais"!
Agora, vamos aprender um conteúdo fundamental: os **cinco parâmetros fonológicos** que compõem a Libras. Para entender o funcionamento dessa língua, é imprescindível conhecê-los. Segundo Gesser (2009), esses parâmetros são elementos visuais e corporais que, combinados, produzem os sinais. Qualquer mudança em cada um desses aspectos pode alterar completamente o significado do sinal.

1

Configuração de mão (CM):
Refere-se ao formato que a mão assume ao realizar o sinal. A Libras possui um conjunto específico de configurações com diferentes significados. Observe que cada sinal assume um formato, que é chamado de "configuração de mão".

2

Ponto de articulação (PA):
É o local do corpo ou do espaço onde o sinal acontece — como a frente do corpo, o rosto, ou o espaço neutro à frente do intérprete. Observe que, às vezes, dois sinais podem ter a mesma configuração de mão e serem visualmente iguais, mas seus pontos de articulação — ou seja, os locais onde realizados — serem diferentes. Como exemplo, podemos citar o sinal de "sábado" e o sinal de "aprender". Eles têm a mesma configuração de mão, mas o primeiro tem ponto de articulação em frente à boca e o segundo tem o ponto de articulação na testa. Logo mais, você vai ver exemplos e conseguir compreender melhor esses conceitos.

3

Movimento (M):
É o deslocamento das mãos no espaço, podendo ser linear, circular, alternado, para cima e para baixo, entre outros.

4

Orientação da mão (OM):
Refere-se à direção para a qual a palma está voltada. Os sinais podem ser feitos com a palma da mão para cima, para baixo, para o interlocutor, para o enunciador, etc.

5

Expressões não manuais (ENM):
São os movimentos do rosto, cabeça e corpo que complementam ou modificam o significado dos sinais. Em Libras, a expressão facial é parte essencial da gramática. Lembre-se de que em português é fácil transmitir a mensagem, pois há a entonação de voz, a prosódia, o ritmo de fala. Já em Libras, são as expressões não manuais que dão o "tom" da fala: quando se está dizendo algo triste, feliz, emocionado, bravo, é necessário demonstrar com as expressões não manuais.

Esses parâmetros são a base da construção linguística em Libras, e compreender seu funcionamento ajudará você a respeitar a estrutura da língua e a evitar erros comuns na produção dos sinais.



Vamos, agora, aprender os primeiros sinais em Libras: **o alfabeto manual** e, na sequência, os **números**.

Bem-vindo/a à Clareira dos Ecos Coletivos!

Nesse espaço aberto, iluminado e arejado, as vozes se encontram — algumas sonoras, outras visuais. É um lugar de troca, onde cada participante compartilha suas vivências, dúvidas e aprendizados. Como uma clareira no meio da floresta, esse espaço convida à escuta atenta, ao acolhimento das diferenças e à construção coletiva do saber.

Nesse cenário, o Alfabeto Manual em Libras surge como uma potente ferramenta de conexão. Cada letra formada pelas mãos é como uma semente de comunicação.

O que vamos explorar aqui é o **alfabeto manual** — um conjunto de sinais usados para **soletrar nomes próprios,** como os de pessoas, cidades ou marcas. Esse alfabeto é considerado um **empréstimo linguístico do português** e é uma ferramenta valiosa, especialmente para quem está começando a aprender Libras.

Aqui, você vai descobrir como soletrar palavras com as mãos e perceber que esse recurso é muito útil, especialmente quando ainda não sabemos o sinal específico de algo. Por exemplo: se você não conhece o sinal de uma determinada cidade, pode soletrar o nome com o

alfabeto manual. Porém, atenção: em Libras, muitos nomes próprios ganham sinais-nome, que são formas únicas e visuais de representar alguém ou algo. Você vai aprender sobre isso logo mais, em outro ponto do nosso território! Por enquanto, aproveite sua passagem pela Clareira dos Ecos Coletivos e treine seus dedos — eles são as chaves que abrem as portas da comunicação em Libras!

Minitarefa 5:

Assista ao vídeo Alfabeto Manual em Libras (https://youtu.be/-ekpTfiC2HU) , e, em seguida, vamos praticar!

Após assistir ao vídeo, o que acha de tentar reproduzir o alfabeto manual? Tente copiar a professora e fazer letra por letra, em Libras, seguindo a ordem alfabética. Vamos praticar ainda mais? Tente soletrar o seu nome utilizando o alfabeto manual em Libras. Agora, escolha os nomes de três pessoas que você ama e soletre o nome de cada uma delas, em Libras, utilizando o alfabeto manual. Para praticar um pouco mais, tente soletrar a frase "Libras é muito legal", utilizando o alfabeto manual. Não deixe de praticar, pois isso será fundamental para realizar a última tarefa do curso.



Bem-vindo/a ao Solo das Diversas Sementes!

Depois de conhecer a Clareira dos Ecos Coletivos e aprender a soletrar com as mãos, permita que a sua bússola guie você até um novo e fascinante espaço: o Solo das Diversas Sementes! Nesse espaço, imaginamos uma terra fértil, viva, cheia de possibilidades. Cada semente lançada representa uma proposta pedagógica sensível às singularidades dos estudantes surdos. Aqui, o ato de ensinar e aprender é orgânico: cresce de acordo com o contexto, com o tempo, com o cuidado.

Entre essas sementes, estão os números em Libras. Gestos que vão além da contagem, representam a visualidade da matemática, a corporeidade do raciocínio e a acessibilidade do conhecimento. Ensinar os números em Libras não é apenas traduzir o conteúdo, mas plantar formas de compreensão visual, promovendo autonomia e pertencimento.

Assim como no português, os números fazem parte do cotidiano da pessoa surda para indicar idades, datas, horários, quantidades de alunos, valores, números na chamada, endereços e muito mais. Atenção: é muito importante saber que, em Libras, os números não se reduzem a mostrar certa quantidade de dedos, como numa mímica. Cada um deles possui uma **configuração de mão própria, e o jeito certo de fazer o sinal pode mudar de acordo com o contexto.**

Por exemplo, o número usado para falar a idade pode ser diferente daquele utilizado para dizer quantas pessoas há numa sala. Por isso, ao observar os sinais numéricos, preste atenção na **posição dos dedos, no movimento, na direção da palma da mão** e no **contexto da conversa.**

Vamos à tarefa?

Minitarefa 6:

Assista ao vídeo: Números em Libras (https://youtu.be/qVcU5oo3HF4) e, em seguida, vamos praticar. Após assistir ao vídeo, tente reproduzir os números de 0 até 10, em frente ao espelho, separando-os por grupos. Primeiro, faça os números cardinais, depois, os números ordinais e, por último, os números para quantidade. Depois de praticar, responda em Libras às seguintes perguntas, para treinar a sua comunicação:

a) Qual é a sua idade?
b) Qual é o número do seu celular?
c) Em qual andar a sua sala de aula está localizada?
d) Quantas reuniões pedagógicas você tem por mês?
e) Quantos alunos existem na sua sala de aula, atualmente?

Após praticar os números em Libras, reflita sobre estas questões: Você notou alguma diferença entre os números em Libras e os gestos representativos de números que fazemos no cotidiano? Teve mais dificuldade com algum número? Seja sincero e não deixe de praticar os sinais que está aprendendo! Dica: você precisará deles para cumprir o desafio final da oficina.

Agora, falaremos de um assunto muito importante, que faz parte da comunidade surda: os sinais-nome. Você já ouviu falar sobre isso?
Em Libras, cada pessoa recebe um **sinal-nome,** ou seja, um sinal exclusivo que a representa. É muito importante saber que esse sinal não pode ser inventado pela própria pessoa, nem pelos ouvintes, mesmo que seja um ouvinte professor ou intérprete de Libras. **O sinal-nome só pode ser concedido por um surdo,** geralmente como uma forma de acolhimento e pertencimento à comunidade surda. Esse processo é conhecido como uma espécie de **"batizado em Libras"**. Assim, professor, quando você entrar em uma sala de aula com surdos, não pergunte "qual é o nome dele", mas sim "qual é o sinal dele". Os surdos se identificam pelo sinal-nome de cada um, e não pelo nome próprio, em português, como fazem os ouvintes.

O sinal-nome é profundamente enraizado na cultura surda e valoriza aspectos visuais marcantes. Pode estar relacionado a uma **característica física** (como cabelo, altura, óculos) ou **comportamental** (como o jeito de andar, rir ou se comunicar). Por isso, o sinal-nome costuma ser **único**: mesmo se duas pessoas tiverem o mesmo nome em português, como "Maria", seus sinais-nomes serão diferentes, pois refletem **identidades visuais e culturais distintas.** Legal, não é mesmo? Quando entramos na comunidade surda, ou seja, quando passamos a participar de eventos e a conviver com surdos, somos "batizados" novamente, mas em Libras, com um sinal-nome exclusivo, só nosso!

Além de pessoas, também é comum que empresas e marcas — como McDonald's, Ferrari ou Bauducco — recebam sinais-nome específicos, facilitando a comunicação em Libras de forma prática e visual. Assim, não é necessário usar o alfabeto manual e soletrar letra por letra. Esse costume reforça a importância do olhar atento e do pertencimento: receber um sinal-nome é ser reconhecido como parte da comunidade surda!



Próxima parada: Santuário das Raízes Linguísticas!

Você já explorou o Território Vivo quase todo. Agora, nossa bússola aponta para um lugar muito especial: o Santuário das Raízes Linguísticas.

É aqui que entramos em uma fase mais comunicativa da Libras, com sinais simples, mas fundamentais para o dia a dia! Nessa praça, vamos aprender como cumprimentar, desejar um bom dia, agradecer, dizer "Tudo bem?", "Tchau!" e tantas outras formas de iniciar ou finalizar um diálogo, com respeito e naturalidade.

Como você estudou no início da Sessão 2, a expressão facial tem um papel essencial nesse tipo de interação. Ela transmite emoções e intensifica o significado dos sinais. Por exemplo, ao dizermos “Bom dia!”, o sorriso no rosto é tão importante quanto o próprio sinal. Da mesma forma, ao fazermos perguntas como “Tudo bem?”, a expressão facial não pode ser deixada de lado, pois é ela que torna evidente tratar-se de uma pergunta.

Antes de dar continuidade, pedimos que você assista ao vídeo Cumprimentos em Libras (https://youtu.be/juoPUzILEvA). Sugerimos que preste muita atenção à movimentação das mãos, às expressões faciais e ao contexto em que cada cumprimento é usado.

Minitarefa 7:

Agora que você já conhece alguns cumprimentos, está na hora de praticar, pois, como sabemos, essa é a única forma de se aprender uma língua! Tente reproduzir os cumprimentos que você aprendeu no vídeo, como “Bom dia!”, “Boa tarde!”, “Olá!”. Em seguida, desafiamos você a cumprimentar uma pessoa em Libras! Ela pode ser surda ou ouvinte; o importante mesmo é tentar utilizar em seu dia a dia o que acabou de aprender. Será divertido praticar, e você ainda poderá ensinar algo a alguém do seu contexto familiar ou de amizades.



Vento dos Primeiros Diálogos

O vento leva as palavras de mão em mão. Aqui, o diálogo começa.

Chegamos à última etapa da nossa oficina, um momento simbólico, em que o conhecimento construído ao longo do percurso começa a ganhar voz... ou melhor, sinal! Agora, o convite é para colocar em prática o que foi semeado, permitindo que sua identidade se apresente por meio da Libras.
Esse é o início de uma nova forma de diálogo, onde as mãos falam, os olhos escutam e o respeito constrói pontes.

Ao longo dessa jornada, buscamos sensibilizar você para a importância da educação bilíngue para surdos, ao mesmo tempo em que apresentamos a Libras de forma introdutória e prática.

Na Sessão 2, você iniciou seus primeiros passos na comunicação com a comunidade surda: aprendeu o alfabeto manual, os números, os cinco parâmetros da Libras, o conceito de sinal-nome e os cumprimentos mais comuns — tudo isso com foco no respeito à cultura surda e na valorização da prática.

Sabemos que ainda há muito a aprender (afinal, a Libras é uma língua completa e rica!), mas o objetivo aqui foi lhe proporcionar uma vivência inicial, para que você se sinta mais seguro/a ao usar sinais básicos em sua escola, especialmente com seus estudantes surdos.

Esses conhecimentos são fundamentais para quem deseja promover inclusão com ética, sensibilidade e compromisso.

Agora, chegou o momento de assumir o protagonismo!

Vamos colocar tudo o que você aprendeu em prática? A cena é sua. A expressão é sua.
A Libras também pode ser. Vamos lá?

Minitarefa 8:

Desafio final!

Para concluir a disciplina, você deverá gravar um vídeo de si mesmo, de forma simples, com até três minutos de duração, respondendo às perguntas abaixo em Libras.
Você poderá assistir novamente aos vídeos da sessão quantas vezes quiser, antes de gravar. Sugerimos, também, que treine bastante a sua prática em frente ao espelho e grave quantas versões forem necessárias, antes do envio final. Será um desafio, mas temos certeza de que você vai conseguir! Basta praticar bastante!

Roteiro para o vídeo:

- Inicie com o cumprimento em Libras de sua preferência (por exemplo: “Bom dia!”, “Boa tarde!”, “Oi!”).
- Diga seu nome, utilizando o alfabeto manual em Libras.
- Informe sua idade, utilizando os números em Libras.
- Diga o nome da sua cidade, utilizando o alfabeto manual em Libras.
- Diga o nome da escola onde você trabalha, utilizando o alfabeto manual em Libras.
- Finalize com uma despedida (por exemplo: “Tchau!”, “Até logo!”, “Boa noite!”).

Dica importante: Grave em um ambiente tranquilo, com boa iluminação e fundo neutro (pode ser uma parede branca, por exemplo). Não se preocupe com a perfeição! O importante é se permitir praticar e se aproximar cada vez mais da Libras.
Também não se preocupe com a edição do vídeo, caso você não souber fazê-la. A nossa intenção é que você tente praticar o que aprendeu para vivenciar a Libras!

6. Avaliação

Nesta oficina, a avaliação terá caráter contínuo e formativo, acompanhando o processo de aprendizagem dos cursistas ao longo das sessões. O objetivo é monitorar a compreensão dos conceitos e o desenvolvimento das reflexões e diálogos entre os aprendizados e a realidade escolar.

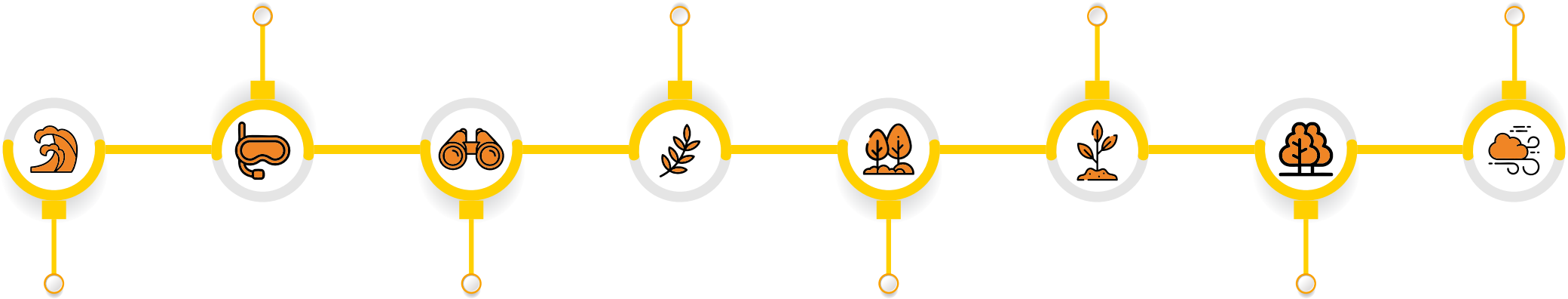
A avaliação será baseada na realização das atividades propostas em cada sessão de estudo. Elas incluem registros nos fóruns de discussão para compartilhar comentários, percepções, dúvidas e críticas sobre os vídeos e textos apresentados.

Ao mergulhar no rio, vivenciou o contato direto com uma pessoa surda, uma experiência para sentir, pensar e se colocar no lugar do outro.

Na Bibliocopa, teve acesso à literatura em Libras e pôde experimentar a leitura, sob o ponto de vista surdo.

No Solo das Diversas Sementes, explorou os números em libras.

No Vento dos Primeiros Diálogos, finalmente, você colocou tudo em prática com sua apresentação pessoal em Libras.



Às margens do Rio das Políticas, você conheceu os marcos legais que sustentam os direitos linguísticos da comunidade surda.

Com o binóculo em mãos, observou que o surdo é um sujeito com cultura, língua e identidades que devem ser valorizadas.

Na Clareira dos Ecos Coletivos, praticou o alfabeto manual, que representa o local onde a comunicação começa a nascer, gesto por gesto.

No Santuário das Raízes Linguísticas, conheceu os cumprimentos

7. Retomada da questão âncora

Parabéns por chegar até aqui! Você completou sua travessia pelo Território Vivo — e isso merece ser celebrado!

Nesta oficina, você não apenas percorreu conteúdos, mas trilhou caminhos significativos pelos oito espaços simbólicos. Cada lugar desse território foi pensado para provocar reflexão, sensibilização e prática sobre o direito à educação bilíngue para estudantes surdos.

Durante as 15 horas desta oficina, você percorreu trilhas fundamentais: marcos legais, cultura surda, práticas pedagógicas e a beleza da Libras como língua viva. Sabemos que ainda é o começo — aprender Libras exige tempo, prática e presença; mas, aqui, você já deu um passo essencial.

Mais importante que decorar sinais é assumir um compromisso:

- Com a acessibilidade linguística;
- Com a valorização da Libras como primeira língua dos surdos;
- Com a criação de ambientes escolares mais justos, sensíveis e inclusivos.

Durante as 15 horas desta oficina, você percorreu trilhas fundamentais: marcos legais, cultura surda, práticas pedagógicas e a beleza da Libras como língua viva. Sabemos que ainda é o começo — aprender Libras exige tempo, prática e presença; mas, aqui, você já deu um passo essencial.

Continue estudando, aproximando-se da Libras e da comunidade surda. Que este território siga vivo em sua prática pedagógica — e que novos caminhos continuem se abrindo!

8. Referências

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 139, n. 79, p. 23, 25 abr. 2002. Disponível em: https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=23&data=25/04/2002. Acesso em: 12 maio 2025.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 142, n. 246, p. 28-30, 22 dez. 2005. Disponível em: https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=23/12/2005&jornal=1&pagina=28. Acesso em: 12 maio 2025.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, edição extra, ano 151, n. 120-A, p. 1-7, 26 jun. 2014. Disponível em: https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=26%2F06%2F2014&jornal=1000&pagina=1&totalArquivos=8. Acesso em: 12 maio 2025.

BRASIL. Lei n° 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (estatuto da pessoa com deficiência). **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 152, n. 127, p. 2, 6 jul. 2015. Disponível em: https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=07/07/2015&jornal=1&pagina=2&totalArquivos=120 . Acesso em: 12 maio 2025.

BRASIL. Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 159, n. 146, p. 1, 4 ago. 2021. Disponível em: https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=04/08/2021&jornal=515&pagina=1. Acesso em: 12 maio 2025. Acesso em: 12 maio 2025.

BRASIL. Lei nº 14.945, de 31 de julho de 2024. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), a fim de definir diretrizes para o ensino médio, e as Leis nºs 14.818, de 16 de janeiro de 2024, 12.711, de 29 de agosto de 2012, 11.096, de 13 de janeiro de 2005, e 14.640, de 31 de julho de 2023. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 161, n. 147, p. 5, 1 ago. 2024. Disponível em: https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=01/08/2024&jornal=515&pagina=5. Acesso em: 12 maio 2025.

BRITO, Kelly Francisca da Silva; OLIVEIRA, Quintino Martins de. Educação de surdos e o uso de recursos visuais por meio de redes sociais. In: FARIA, Juliana Guimarães; BRITO, Kelly Francisca da Silva; OLIVEIRA, Waleria Corcino de (org.). **Metodologias ativas e educação 4.0 na educação bilíngue para surdos**. Goiânia: Cegraf UFG, 2020. V-book. Disponível em: https://youtu.be/1juEZkl6jv4. Acesso em: 12 maio 2025.

CALIXTO, Silvia Saraiva de França. **Sintagmas locativos na Língua de Sinais Brasileira: efetivo de modalidade na aquisição de português (L2) escrito por surdos**. 2019. 98 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2019. Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/37930. Acesso em: 12 maio 2025.

FARIA, Nubia Guimarães; OLIVEIRA, Quintino Martins de. Educação de surdos: história e as diferentes perspectivas metodológicas. In: FARIA, Juliana Guimarães; BRITO, Kelly Francisca da Silva; OLIVEIRA, Waleria Corcino de (org.). **Metodologias ativas e educação 4.0 na educação bilíngue para surdos**. Goiânia: Cegraf UFG, 2020. V-book. Disponível em: https://youtu.be/vZoASV-E7oo. Acesso em: 12 maio 2025.

FARIA, J. G.; REZENDE, T. F. (org.) . **Expressões Sinalizadas**. Goiânia: Cegraf UFG, 2019 e 2021. 2 v. E-book. Disponível em: https://portaldelivros.ufg.br/index.php/cegrafufg/catalog/book/99 (v.1) e https://portaldelivros.ufg.br/index.php/cegrafufg/catalog/book/98 (v.2). Acesso em: 12 maio 2025.

FREITAS, Karla Patrícia de Souza. Metodologias ativas. In: FARIA, Juliana Guimarães; BRITO, Kelly Francisca da Silva; OLIVEIRA, Waleria Corcino de (org.). Metodologias ativas e educação 4.0 na educação bilíngue para surdos. Goiânia: Cegraf UFG, 2020. V-book. Disponível em: https://youtu.be/cpjr7S-bFtM. Acesso em: 12 maio 2025.

GESSER, Audrei. **Libras: que língua é essa?**: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

OLIVEIRA, Waléria Corcino; LIMA, Layane Rodrigues; FERNANDES, Eliane Marques F.; FARIA, Juliana Guimarães. Letramento e ensino de português para surdos na educação básica: especificidades e contextos. **Ícone**: Revista de Letras, Universidade Estadual de Goiás, São Luís de Montes Belos, v. 22, n. 2, p. 89-104, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.31668/icone.v22i2.12992. Acesso em: 12 maio 2025.

PEREGRINE, Giselly dos Santos; SILVA, Alessandra Gomes da. Interculturalidade em *That Deaf Guy*: uso de tiras para problematização de estereótipos e preconceitos contra sujeitos surdos e sua língua de sinais. **Revista Contexto e Educação**, Ijuí (RS), ano 34, n. 109, p. 134-149, set./dez. 2019. Disponível em: https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contexto-educacao/article/view/8348. Acesso em: 12 maio 2025.

PEREIRA, Tatiane da Silva Carvalho; CÂNDIDO, Gláucia Vieira; SANTOS, Jorge Lucas Marcelo dos. E o seu nome é Jonas: recursos visuais e textuais/verbais como crítica ao discurso oralista na educação de surdos. **Revista UFG**, Goiânia, v. 20, n. 26, 2020. Disponível em: https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/66285. Acesso em: 12 maio 2025.

QUADROS, Ronice Muller de, SCHMIEDT, Magali L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006. E-book. Disponível em http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/port_surdos.pdf. Acesso em: 12 maio 2025.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SILVA, Cleidiane Alves. Educação tradicional e educação 4.0: concepções e propostas metodológicas no contexto remoto e virtual na educação de surdos. In: FARIA, Juliana Guimarães; BRITO, Kelly Francisca da Silva; OLIVEIRA, Waleria Corcino de (orgs.). **Metodologias ativas e educação 4.0 na educação bilíngue para surdos**. Goiânia: Cegraf UFG, 2020. V-book. Disponível em: https://youtu.be/aPRdtgEJT8I. Acesso em: 12 maio 2025.

SILVA, Dhêimy Tarllyson Santos. Ferramentas tecnológicas aplicadas à educação bilíngue para surdos. In: FARIA, Juliana Guimarães; BRITO, Kelly Francisca da Silva; OLIVEIRA, Waleria Corcino de (org.). **Metodologias ativas e educação 4.0 na educação bilíngue para surdos**. Goiânia: Cegraf UFG, 2020. V-book. Disponível em: https://youtu.be/m_0vxVv53Ms. Acesso em: 12 maio 2025.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Petrópolis: Arara Azul, 2008.

TAVARES, Talita Nabas. **O letramento visual em materiais didáticos bilíngues para surdos (Libras/Língua Portuguesa)**: escolhas e práticas pedagógicas do professor surdo. Itapiranga: Schreiben, 2024. E-book. Disponível em: https://www.editoraschreiben.com/_files/ugd/e7cd6e_989bd447785240598a07579cde042a4a.pdf. Acesso em: 12 maio 2025.

VILAÇA-CRUZ, Renata Cristina; COSTA, Maria Clara L. S.; FARIA, Juliana Guimarães. Crenças de professores em relação à inclusão do aluno surdo na universidade. **REVELLI - Revista de Educação, Língua e Literatura**, Universidade Estadual de Goiás, Inhumas, v. 13, p. 1-15, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.51913/revelli.v13i0.9278. Acesso em: 12 maio 2025.

9. Links complementares

Livro

Ensino de Libras como L1 no Ensino Médio

Vídeos

Conversas em Libras | Diálogo #1

Português para Surdos - como começar?

Filme: Sou surda e não sabia

Curso

Libras 1: INICIANDO UM DIÁLOGO EM LIBRAS

SOBRE O E-BOOK

Tipografia Rawline

Publicação Cegraf UFG

Campus Samambaia,
Goiânia - Goiás - Brasil.
CEP 74690-900
Fone: (62) 3521-1358
https://cegraf.ufg.br
https://portaldelivros.ufg.br

Curso de Pós-Graduação
Lato Sensu em Gestão da
Escola Pública de Ensino Médio

GEPEM

RIEH REDE DE INOVAÇÃO PARA EDUCAÇÃO HÍBRIDA
NEES NÚCLEO DE EXCELÊNCIA EM TECNOLOGIAS SOCIAIS
UAB UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO